

Nordeste sertanejo: a região semi-árida mais povoada do mundo

FRAGMENTOS DE LEITURA – DIVERSOS AUTORES

SEM QUE SE TENHA conhecimento de significativo número de regiões áridas e semi-áridas do mundo é extremamente difícil entender os atributos climáticos, fitogeográficos e antrópicos do Nordeste seco. Parte dessa questão foi resolvida pela contribuição ocasional do grande mestre francês Jean Dresch, um dos participantes da excursão realizada aos sertões semi-áridos por ocasião do Congresso Internacional de Geografia, ocorrido no Rio de Janeiro em agosto de 1956.

Dresch, grande conhecedor do Sahara – após percorrer trechos dos chamados *altos dos sertões* de Pernambuco e da Paraíba –, segredou aos seus colegas brasileiros uma observação comparativa que consideramos essencial. Afirmou que, nos poucos dias em que tivera contato com os espaços geográficos do Nordeste seco, pudera cotejar os atributos da região das caatingas com os fatos que estudara exaustivamente no deserto do Sahara. E, que meditando nessa direção, podia afirmar que o Nordeste interior não tinha “nada de deserto” na sua conjuntura fisiográfica e ecológica. Relatava inicialmente – aos seus guias de excursão – que, ao contrário do que acontecia nos mega-espaços saharianos, nos sertões nordestinos existia gente por todos os cantos e locais imagináveis. Nesse sentido, baseado nas diferentes regiões áridas que conhecia, podia afirmar que o Nordeste seco era a região semi-árida mais povoada do mundo. Por essa mesma razão era o espaço que, em função de sua inegável rusticidade, apresentava os maiores problemas e dramas para o homem-habitante e suas famílias.

Para reforçar sua assertiva de que os sertões secos em nada poderiam ser comparáveis aos grandes espaços áridos, Dresch lembrou que, no Sahara, apenas nos oásis – muito distantes uns dos outros – existiam comunidades residentes sedentárias: viventes em espaços exíguos, por entre ruelas e moradias de tipo *casbah*. Dependiam de atividades artesanais e comerciais, pela troca e venda em feiras labirínticas, além da produção reduzida de alimentos nos pomares do pequeno oásis, enquanto caravanas transporta-

doras de mercadorias produzidas em terras distantes percorriam rotas imensas, levando produtos essenciais para os contidos habitantes ilhados por entre enormes campos de dunas e espaços rochosos ou pedregosos, balizados por raros restos de montanhas.

Nos sertões do Nordeste há povoamento ao longo de rios que nascem em maciços cristalinos ou bordos de escarpas sedimentares, mas sempre chegam ao mar, a despeito de terem seu fluxo d'água *cortado* por cinco a sete meses (rios intermitentes sazonários, extensivamente *exorréicos*). Existem sertanejos vivendo em diferentes posições nas vertentes e altos das colinas, gente habitando os sopés de maciços, serras úmidas e cimeiras de chapadas e setores de planaltos cristalinos.

Em contrapartida, porém, o Nordeste seco é a região geográfica de estrutura agrária mais rígida e anti-social das Américas, do que resulta que a capacidade de suporte populacional dessa região tem de ser avaliada por critérios mais amplos e aprofundados, envolvendo tanto atributos endógenos e controles exógenos, quanto eventuais fatores extrógenos que interferem no destino dos homens e comunidades regionais.

Em estudo realizado sobre o *Impacto da seca no sertão de Sergipe (Brasil)*, relativo às conseqüências da forte estiagem do período de 1981-1984, os geógrafos José Augusto Andrade e Raymond Pébayle produziram um excelente trabalho documentário altamente significativo. Na seqüência, serão reproduzidos fragmentos de leitura desse estudo, entre outros, por nós coletados.

Aziz Ab'Sáber

Fragmentos

“Em outubro de 1984, cinco meses apenas após o fim do período seco, as pastagens estavam verdes, os milharais se multiplicavam e os poços quase cheios. (...) À exceção das terras do município de Canindé de São Francisco, o espaço semi-árido do estado de Sergipe não é tão rústico quanto aquele do oeste de Pernambuco ou do Sertão de Canudos no estado da Bahia. A isoietia de 700 mm o distingue grosseiramente do Agreste, onde ocorrem terras menos quentes e mais úmidas. (...) Em 1980, as devastações da caatinga e as expulsões dos posseiros foi bastante forte. O ritmo das aquisições de terras pelos não-residentes de origem não identificada, nesse ano, atingiu 38% das terras colocadas à venda em alguns municípios do sertão sergipano: Carira, Monte Alegre e Poço Redondo. (...) As pes-

quisas de 1984, para entender ainda os impactos da fome para os mais despossuídos, nos revelaram qual foi a trajetória das estratégias de sobrevivência. Uma seqüência de comportamentos dramáticos parece se repetir um pouco por toda parte, pela busca desesperada de alimentos e água, que se compra a preço de ouro. Em seguida se fazem as primeiras vendas de gado, sobretudo do não-leiteiro, sem qualquer discriminação. Enfim, vende-se a terra e parte-se. Nesse último caso, ninguém ignora a terrível sentença emanada dos anos secos no sertão: ‘quem vende a terra na seca, não a compra mais’.”

[José Augusto Andrade & Raymond Pébayle
L’impact de la sécheresse dans le Sertão de Sergipe (Brésil).
Extraído do livro de Bernard Bret (coord.)
Les hommes face aux sécheresses, 1989]

“No campo do Passarinho, além de Perizes de Cima (norte do Maranhão), um pesquisador, olhando para uma árvore, perguntou a um caboclo que por ali passava: ‘a madeira dessa pequena árvore é dura?’ E a resposta veio nos seguintes termos: ‘o cerne desse lenho é resistente’. Falou bonito o caboclo maranhense.”

[Transcrição do organizador]

“No alto ressequido e plaino de uma serra dos Gerais, no centro da Bahia, um motorista meninote dirigia um *jeep*, transportando o engenheiro de minas para a distante cidade mais próxima. De repente, viu uma tora de madeira atravessada no leito da estrada de terra batida. O passageiro não viu nada, até que o prevenido chofer entrou pelo entremeio dos arbustos secos, numa carreira desenfreada. De longe, veio um tiro de espingarda, dirigido para matar o jovem motorista. Assim, os dois passageiros se safaram da maldita emboscada. E o menino falou: ‘viu, sou mais esperto do que esse cangaceiro’. Só então o engenheiro geólogo compreendeu que ainda existiam resíduos solitários de cangaço entre a região de sua mina e a distante cidade do sertão. Que medo. Que lição!”

[Anônimo]

“E a velhinha simpática saiu da barraca coberta de plástico preto, no meio do calor radiante, mostrou aos forasteiros visitantes um prato raso com alguns minúsculos peixinhos mergulhados em água com sal e disse, circundada por crianças alvoroçadas: ‘estão vendo esses peixinhos, que chamamos de *peixes da pedra*? Eles foram pegos na laminha derradeira de uma lagoínha, d’onde a água já se foi. Não importa: o certo é que com eles vou fazer o banquete das crianças amanhã’. Eram tantas as crianças em volta, que se o forasteiro soubesse chorar, choraria.”

[Anônimo]

“Um jovem pesquisador, cruzando os sertões do Médio e Baixo Jaguaribe (Ceará), botou reparo nas cercas de taquara trançada, dispostas em posição transversal ao eixo do leito seco dos rios. O jovem universitário se perguntava sobre as razões que levaram os sertanejos a construir aquelas rústicas cercas que sincopavam setores dos rios sem água. Ao interrogar um ribeirinho astuto sobre a razão de ser das cercas transversais, obteve resposta imediata: ‘somos nós que pressionamos os fazendeiros pecuaristas para construir tais cercas no momento em que as águas perdem correnteza, a fim de que o gado não venha a comer as plantações que fazemos todo ano, na vazante do leito do rio. Um político que reforçou nossas pretensões foi eleito prefeito de Russas’. E assim ficou esclarecido, para sempre, a razão de ser das cercas transversais aos rios secos dos sertões. E o pesquisador, encantado com a beleza exemplar das culturas de vazante no leito do rio, perguntou ao ribeirinho que parecia o dono das plantações: ‘são seus esses lindos leirões produtivos, aí no leito do rio?’ A resposta veio direta e longa: ‘sim, são meus. Mas não sei por quanto tempo continuarei produzindo assim. Porque, se soltarem muita água do açude para beneficiar os fazendeiros da beira alta, eu vou perder todo o trabalho. A única terra que pobre tem para cultivar é o leito do rio que secou. Mas, nós, não temos força para garantir a produção de alimentos no único espaço que restou para o povo: o leito seco dos rios, onde existe muita água entranhada embaixo das areias’. Frente àquele magnífico exemplo de verdadeira horticultura do vale do Jaguaribe, o pesquisador entendeu logo que a idéia de progresso estava sempre voltada para poucos. Não para o povo. Atenção tecnocratas inseqüentes! (...) O pesquisador perguntou à senhora envelhecida, rodeada de filhos emudecidos: ‘como é a vida da gente aqui no vilarejo?’ E a resposta veio rápida, com simplicidade: ‘a situação não pode ser boa. Sou viúva. Os filhos mais *homens* já se foram em busca de

trabalho. Fiquei só com os cinco menores'. E, olhando para as estreitas cercas e cercados, de taquaras fincadas, completou: 'nossa salvação são as cabras do quintal, que dão leite para as crianças. Quando se mata um bode, guardamos a carne no varal de cima do fogão, para que ela dure muito tempo. Por tudo isso não me acanho de pedir um auxílio a vocês!'”

[Transcrição do organizador]

“Um dia, alguns pesquisadores em plena atividade de campo pediram pouso em uma fazenda comunitária, perdida em um remoto sertão do interior baiano. E a resposta veio rápida e sincera, por parte da dona da casa: ‘eu vou lhes dar abrigo, porque também tenho filho no mundo’.”

[A.N.Ab’Sáber]

“No final do século passado e início deste, os nossos antepassados viram na *açudagem* a única salvação possível e muito fizeram nesse sentido. O açude público Eptácio Pessoa, ex-Boqueirão, é exemplo desse fato. (...) Na década de 50 lutávamos pelo desenvolvimento do Nordeste pedindo *estradas*, o que conseguimos com o Plano Rodoviário Nacional. Não faltam estradas no Cariri paraibano, bem como em todo o Nordeste. (...) Na década de 60 dissemos que só conseguiríamos nos desenvolver se tivéssemos *energia elétrica*. Vieram as hidrelétricas e com elas as torres metálicas, os linhões e os cabos conduzindo a energia elétrica que hoje atinge todos os recantos do Nordeste e, naturalmente, o Cariri paraibano. (...) A prioridade dos anos 90 tem sido a *água doce*. Só conseguiremos o *desenvolvimento sustentado* se resolvermos o problema de suprimento de água doce da região. (...) Não podemos perder mais essa corrida, a da *água doce*, pois *produzir, importar e reutilizar* a água doce que necessitamos é mais do que uma questão de *sobrevivência*, é mesmo *existencial*.”

[Escritos de João Ferreira Filho
João Pessoa, PB, 12 de setembro de 1996]

“O sertão de Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do Norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida. É-lhes de algum modo uma zona central comum. (...) As secas de 1710-1711, 1723-1727, 1736-1737, 1744-1745, 1777-1778, do século XVIII, se justapõem às de 1808-1809, 1824-1825, 1835-1837, 1844-1845, 1870, do atual. (...) Observa-se, então, uma cadência raro perturbada na marcha do flagelo, intercutada de intervalos pouco díspares entre 9 e 12 anos, e sucedendo-se de maneira a permitir previsões seguras sobre sua erupção.”

[Euclides da Cunha: *Os sertões*, 1902]

“Descansamos uma tarde em casa do poeta popular Cordeiro Manso. Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam. (...) Outras estações fugiram da memória. José Leonardo e Antônio Vale despediram-se – e com eles o sertão desapareceu. Xiquexiques e mandacarus foram substituídos por uma vegetação densa e muito verde; nos caminhos escuros os chocalhos calaram-se; surgiram regatos, cresceram, transformando-se em rios e atrasaram a marcha. (...) Tinham-se sumido os grandes espaços alvacentos, de areia e cascalho, despovoados, o mato franzino, bancos de macambira, cercas de pedra, chiqueiros e currais, dias luminosos riscados pelo vôo das arribações. Veredas subiam, desciam, torciam-se, e à beira delas arrumavam-se casas, jardins, hortas. Os transeuntes não se vestiam de couro. Em qualquer ponto, achava-me em um buraco entre morros. Água abundante e ruidosa, capinzais imensos, manhãs nevoentas. (...) Constrangi-me no ambiente novo, perdi hábitos e ganhei hábitos.”

[Graciliano Ramos: *Infância*]

“Consideramos a caatinga como denominação geral da vegetação das áreas semi-áridas do Nordeste, com exclusão das poucas intromissões do cerrado. Segundo este conceito, a *caatinga* subdivide-se em *agreste* e *sertão* e este em carrasco, carimataú, cariri, seridó, e outros tipos vegetacionais ainda menos precisos e incertos. (...) No estudo de uma área a percepção inicial é a de uniformidade generalizada, mas à medida em que o estudioso se aprofunda em suas observações, vai percebendo diferenciações sempre muito precisas em áreas sempre mais reduzidas.”

[Vasconcelos Sobrinho:

As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização. Recife, Condepe, 1970]

“Uma seca pode-se fazer calamitosa no Ceará, no oeste do Rio Grande do Norte e nos sertões ocidentais da Paraíba sem que nas demais áreas do Nordeste ocidental seus efeitos alcancem o mesmo grau. (...) Os relatos acerca da famosa estiagem de 1877 que passou à crônica histórica como ‘seca do Ceará’ documentam claramente esse processo de crescente angústia que começa, num ano, com a escassez das precipitações no tempo próprio e se resolve em calamidade declarada quando, no verão-outono imediato, perdem-se de todas as esperanças; porque, nesse caso, só em dezembro do terceiro ano haverá outras possibilidades de ‘inverno’.”

[Gilberto Ozório de Andrade e Rachel Caldas Lins:
Os climas do Nordeste, 1971]

“As primeiras chuvas, chamadas *do caju*, são esperadas em dezembro. Elas transformam o sertão; se faltam, ainda há esperanças de chuva em fevereiro ou março; são as *chuvas de Santa Luzia*, do equinócio. Se faltam estas, não há mais esperanças e, pouco a pouco, esgotam-se os recursos; o gado ainda devora as últimas ‘ramas’, mas secos os rios e as cacimbas, é forçoso emigrar. Os retirantes se aglomeram nas cidades do litoral. As perdas de vida são, às vezes, avultadas; as perdas de gado são sempre consideráveis.”

[C. M. Delgado de Carvalho]

“Lançada sobre o quadro geográfico dos campos pobres e das caatingas do São Francisco, a expansão da galaria só poderia se fazer na escala de imensas distâncias. (...) Se é verdade que o São Francisco no fundo de sua calha hidrográfica iria se tornar um ‘condensador de gentes’, numa avenida interior de povoamento, é nítido que esse adensamento longitudinal de população seria devido à atração que a água exerce sobre o homem e sobre o gado no tablado geográfico dos campos gerais e das caatingas secas.”

[Lucas Lopes: *O vale do São Francisco*.
Ministério da Viação de Obras Públicas, Serviço de Documentação]

“Na estação seca, isto é, de maio a janeiro, os ventos regulares se elevam e em sua marcha, de 100 a 120 km por hora, encadeiam e arrastam todos os vapores aquosos e deixam o Ceará na mais límpida e serena calma.”

[M.A. de Macedo: *Observações sobre as secas no Ceará*.
Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1878]

“Esta lida salutar da natureza principia, no Ceará, com as chuvas de outubro, chamadas ‘chuvas do caju’, as quais os aborígenes designam pelo nome de *pyraoba*; isto é, chuvas brandas, precursora da abundância pelo enverdecimento, vestidura, florescência e frutificação dos vegetais. (...) A estação das chuvas, anunciadas pelas ‘chuvas do caju’, principia em janeiro e termina em maio. Nesse tempo os ventos regulares, que giram constantemente d’este a oeste paralelos ao Equador e em suas vizinhanças, parecem abaixar-se e diminuir a rapidez de sua marcha ordinária. Então aparecem os ventos irregulares e variáveis, que importam vapores aquosos do oceano e os incorporam aos que se desprendem dos ventos constantes ou ‘geraes’, como vulgarmente os chamam. (...) A ‘indústria da seca’ existe e continua sendo um formidável fomento dos crescentes interesses conservadores da região: sua condição básica de existência é dada pela criação de mecanismos que asseguram a destinação de um fluxo contínuo de capital, sob a forma dinheiro, para alimentar a execução de programas dados como capazes de solucionarem os problemas da seca, mas que se sabe de antemão não serem eficientes. (...) Os *flagelados* entram nos esquemas estratégicos das políticas anti-seca, mais como elementos que legitimam a assistência de um estado de calamidade pública, do que como beneficiários efetivos das medidas concebidas e postas em prática em seu nome.”

[Otamar de Carvalho: *A economia política do Nordeste: secas, irrigação e desenvolvimento*. Brasília, Campus, 1988]

“Existe uma estreita relação entre a limitação de águas e o baixo desempenho da produção agrícola. Atualmente a irrigação constitui a grande expectativa de desenvolvimento regional, não só pelo aumento da produção e produtividade agrícola, mas, sobretudo, pela garantia de emprego estável para a mão-de-obra rural. Apesar de a irrigação ser necessária e

urgente, não se deve esquecer que, fora das margens dos dois rios perenes (São Francisco e Parnaíba) só se pode irrigar menos de 1% dos 118 milhões de hectares do Polígono das Secas. É preciso, portanto, ao lado da irrigação, desenvolver uma tecnologia apropriada ao aproveitamento das áreas secas marginais. A utilização de plantas e animais resistentes à seca, nas terras não irrigadas, é uma exigência para o desenvolvimento harmônico da região.”

[Benedito Vasconcelos Mendes: *Plantas e animais para o Nordeste*.
Rio de Janeiro, Globo Rural, 1987]

“Na década de 70, no século passado, as oito províncias nordestinas – ocupando 1.221.572 km² apenas cerca de 14,5% dos 8.455.777 km² do território brasileiro – abrigavam 4.638.500 habitantes, dos 9.930.478 que constituíam a população do país, ou seja, 46,7%. Em 1980, porém, após a grande expansão demográfica do Brasil, que contava com 121.150.549 habitantes, aquelas províncias, já agora estados federados, estavam povoadas por 35.419.156 pessoas, representando 29,23% do total.”

[Pinto de Aguiar: *Nordeste: o drama das secas*]